

Anexo D.1 – Entrevista N° 1 – JG

21 de Dezembro de 2010

PAULA CUNHA

00:00:01-8 Gostaria de saber se concorda que esta entrevista seja gravada?

JG

00:00:07-8 Concordo.

PAULA CUNHA

00:00:08-8 Para posterior transcrição. Então para já, gostaria de saber, nome, idade, funções que desempenha na APEXA.

JG

00:00:16-5 Então, eu chamo-me JG, tenho 25 anos, sou assistente social de formação e formação de base, aqui na APEXA trabalho como coordenadora da equipa de intervenção precoce. E como assistente social da equipa de intervenção precoce e do gabinete de intervenção social. Que é uma outra área que também temos aqui na APEXA.

PAULA CUNHA

00:00:40-8 E quando é que começou a trabalhar na APEXA, como é que aconteceu vir cá parar?

JG

00:00:47-4 Então, eu comecei a trabalhar em Agosto de 2008, e foi através, soube da abertura de um concurso, na altura estavam a recrutar para aqui uma assistente social, eu estava a trabalhar em Lisboa na altura. Mas eu sou de cá. E entretanto soube, candidatei-me, vim às duas entrevistas de recrutamento e fiquei.

PAULA CUNHA

00:01:07-3 Que expectativas é que tinhas, quando vieste às entrevistas? O que é que achavas que era a APEXA?

JG

00:01:14-0 Eu não conhecia a APEXA, só conheci mesmo na altura em que soube que havia, pronto, foi na altura que eu andava á procura de trabalho, não é? Pensava que era uma [...imperceptível...] um bocadinho aquilo que é, que é uma associação que apoia crianças, que apoia pessoas com deficiências em geral. Crianças, jovens e adultos. As minhas expectativas, provavelmente eram um bocadinho diferentes, mas tinham a ver com aquilo que é a dinâmica de uma associação. Onde eu já tinha trabalhado com associações emigrantes, não em associações, que eu trabalhei em um dos meus estágios, foi para dinamizar as associações de emigrantes, lá em cima em Lisboa. [...imperceptível...] e eu tinha mais ao menos a noção de algumas fragilidades, algumas potencialidades que o movimento associativo em geral tem. Agora depois de trabalhar dentro duma associação, já é um bocadinho diferente, não é? Não sei se me estou a fazer...não sei se...

PAULA CUNHA

00:02:11-3 Mais em que aspecto?

JG

00:02:15-1 Por exemplo, na questão da dependência, não é? São entidades muito dependentes de financiamentos, são entidades que exactamente às vezes por falta de recursos, outras vezes má gestão desses mesmo recursos. Há muita tendência para quem trabalhe não seja, ou melhor, que tem vida não é? A associação são pessoas que não têm formação específica na área, não é? Às vezes pode não ter reflexo, outras vezes pode ter reflexo, não é? Porque, [...imperceptível...] tal como muitas são associações que nascem, que têm origem, há um conjunto de pessoas que sentem o mesmo problema, então juntam-se e tentam criar soluções, não é? Mas é diferente quando já se tem uma ideia à priori, das soluções que se quer, dos problemas bem identificados, ou quando as coisas vão um bocadinho acontecendo por si, não é? E quando as pessoas, e é natural, isso acontece em

várias associações, seja de emigrantes, seja de mesmo de pessoas com deficiência, de pais de pessoas com deficiência que é o caso aqui da APEXA.

PAULA CUNHA

00:03:20-6 A boa vontade às vezes não é tudo, não é?

JG

00:03:22-4 Exactamente, exactamente.

PAULA CUNHA

00:03:26-9 E o processo de adaptação, como é que correu?

JG

00:03:29-7 Olhe, correu bem. A equipa era completamente diferente. Já não está ninguém dessa altura, ficou a resistente [...imperceptível...] E correu bem, os colegas acolheram-me bem, eu tentei-me integrar, eu tive que organizar toda a parte...organizar de uma forma diferente aquilo que tinha a ver com a intervenção precoce, aquilo foi o meu primeiro investimento, foi aí. Depois tentei também envolver um bocadinho aquilo que eram as práticas de gestão da associação. Mas pronto, depois disso acabou por ficar para segundo plano, e mas correu bem, os meus colegas sempre...os colegas, a direcção e os utentes também ajudavam. As famílias dos utentes também me acolheram.

PAULA CUNHA

00:04:16-9 Essa era uma das perguntas que eu lhe queria fazer a seguir. A relação existente entre os técnicos e a direcção e mesmo entre si e os outros técnicos, entre os técnicos em geral e a direcção.

JG

00:04:31-3 Com é que era?

PAULA CUNHA

00:04:32-0 Sim. Como é que é agora?

JG

00:04:34-0 Ah agora? Olhe, como é que é...como é que eu te vou explicar. É assim, em geral, não estamos em conflito aberto, mas há claramente, há interesses, não é interesses, às vezes perspectivas diferentes, sobre as formas de fazer as coisas, não é? E se às vezes isso é rico, porque permite que várias perspectivas se criem uma outra do que aquelas duas que eles tinham antes, as vezes também dá origem a conflitos, não é? Conflitos de opiniões, de...

PAULA CUNHA

00:05:09-7 Normalmente há sempre o conflito até haver a resolução, não é?

JG

00:05:12-8 Pois exactamente. Isso é verdade. Mas às vezes...às vezes mais pacífica, outras vezes é menos pacífico. Eu acho que em geral, pronto, acho que...que não há tanta articulação entre os técnicos e direcção quanto poderia haver. Acho que era possível haver mais. Por que nós estamos, vá, estamos no directo, não é? Com as famílias, aquilo que são os problemas da instituição, daquilo que são as dificuldades do dia-a-dia, não é? E é mais fácil do meu ponto de vista, ter uma resolução mais adequada, mais eficaz e mais adequada, quando se está mais próximo dos problemas não é? Eu acho que poderia haver mais valia certamente em...por um lado

PAULA CUNHA

00:06:06-7 Que contacto é que vocês têm com a direcção?

JG

00:06:09-5 Contactos? O nosso contacto mais directo é com o presidente da direcção, o senhor N(...). Com os outros elementos da direcção...

PAULA CUNHA

00:06:18-1 Mas é um contacto esporádico, ocasional, quando é pedido?

JG

00:06:25-4 Pronto é assim, existe, uma colega aqui dentro que, faz as funções de, como é que hei-de explicar, de mediadora. Pronto, para não estarmos sempre todos a ligar, ela assume esse papel, e é mais ela que quando temos alguma questão para falar com o senhor N(...), solicitamos que ela o contacte e que ela resolva essas questões?

PAULA CUNHA

00:06:44-8 Posso-te perguntar, já mais ou menos pensado quem é...

JG

00:06:49-8 Exactamente. Ela faria, ela...pronto, existe uma figura, que existe em todas as...em maior parte das IPSS, mas que não existe na APEXA, ainda espero eu. Que é a figura da direcção técnica. Que essa é a figura que por excelência deve fazer a mediação entre aquilo que é a direcção, aquilo que são as orientações mais estratégicas, vá digamos, não é? E aquilo que é o corpo técnico. Pronto, e essa direcção técnica deve fazer esse filtro. Não existir nessa figura, já existiu no passado, depois terminou, uma colega já assumiu esse papel, mas depois ela saiu da APEXA. Já existiu uma outra figura semelhante que era um núcleo técnico, que também fazia essa ponte, também terminou, e neste momento, pronto, a M(...) no continuar desse núcleo técnico, esta neste momento a assumir essas funções. Mas isso não impossibilita que diariamente ou quando queremos, se temos um problema para resolver, contactamos o senhor N(...), porque é ele que toma aquilo que são as decisões mais de gestão das coisas, de questões técnicas, de vamos acompanhar, como é que vamos acompanhar. Portanto, isso obviamente que não, não é isso que discutimos em equipa. Ou em equipa de IP ou de em equipa de todos. Porque a nossa equipa de IP faz uma reunião, para além de participar na reunião com todos, também temos reuniões só nossas. Semanais. Mas, pronto, se por exemplo, estamos no limite da capacidade de intervenção da equipa, não é? E temos um pedido ou temos uns quantos pedidos, e precisamos que o acompanhamento dessa criança implique uma maior [...imperceptível...] de recursos, nos aí

temos que falar directamente com o senhor N(...), pronto, ou marcamos um encontro. Pronto, é assim, no que diz respeito a mim eu não tenho com ele um dia marcado, por semana ou por mês, ou não sei quê para estar com ele, mas eu acho que a M(...) tem, mas ela encontrasse com ele todas as semanas, há uma hora que eles se encontram para além dos contactos diários, com que se faz, mas o meu...

PAULA CUNHA

00:08:54-8 Vocês técnicos com a direcção, com a direcção, todos os elementos da direcção raramente estão?

JG

00:09:03-4 Sim, muito raro. Eu já tenho ido algumas vezes a reunião de direcção, já fui por diversas razões, ou para apresentar projectos ou para discutir algumas questões relacionadas com o que diz respeito à minha equipa. A equipa de intervenção precoce. Às vezes também por resolução de problemas, já tenho também ido à, também tenho ido, por exemplo, o ano passado estive mais na parte de realização do plano de actividades e do orçamento, pronto, também fui lá.

PAULA CUNHA

00:09:33-1 Havia mais contacto.

JG

00:09:35-6 Exactamente.

PAULA CUNHA

00:09:36-9 E esse [...imperceptível...] acontece em...

JG

00:09:39-9 Olhe, eu agora não tenho a certeza mas, antes era semanalmente e agora é quinzenalmente.

PAULA CUNHA

00:09:44-8 Portanto, até é com bastante frequência?

JG

00:09:46-9 Sim, sim, sim.

PAULA CUNHA

00:09:49-7 Ok. Quais foram então assim, as mudanças que existiram mais desde que iniciaste as funções na APEXA?

JG

00:10:01-3 Para começar, o corpo técnico, mudou todo. Todo, deixa-me lá pensar...se alguém não mudou...não, técnico e não técnico. Também estou-me a referir aos motoristas, auxiliares, também tem muito a ver com, ainda que eu não concorde, porque eu acho que é importante haver uma constância, não só para dar, para haver segurança entre a equipa, para haver os pais terem, não é? Manterem uma cara conhecida, as coisas funcionam melhor, não é? Pronto, aos procedimentos, há coisas relacionais que demoram-se às vezes a afinar, porque quando já estão a funcionar bem, a pessoa vai-se embora. Mas pronto, também tem muito a ver com uma estratégia de gestão da própria associação não havendo recursos, não é? Tem que recorrer aquilo que são os apoios do estado, que são normalmente pontuais, nomeadamente os estágios profissionais, os programas ocupacionais, os POC's, não é? E portanto, essa é uma grande alteração. Outra alteração também tem a ver com...acho que há dois anos e meio atrás, não é? Eu entrei em Agosto de 2008, quando eu entrei cá, tudo o que tinha a ver com procedimentos de gestão, de organização de maior previsibilidade, ou melhor de previsibilidade em relação aquilo que é, eu preciso de uma coisa, sei como é que vou fazer, portanto, hoje existe muito mais. Havia grandes lacunas a nível de gestão nessa altura, algumas delas ainda se mantêm, do meu ponto de vista hoje. Outras não, já estão mais organizadas, outras podiam ser muito muito melhoradas, mas essas são as principais mudanças. Outra também mudança grande, é acho que, por exemplo, a minha equipa, a equipa de IP, portanto, nós tivemos pessoas que saíram, não é? Outros que continuaram, os que estamos neste momento, eu e o terapeuta ocupacional trabalhamos

juntos há dois anos. Depois as outras duas colegas, também mais ao menos a um ano. E este último ano, eu acho que nós estamos a trabalhar muito melhor. Melhor em termos de articularmos melhor, comunicarmos mais, acho que houve melhorias...

PAULA CUNHA

00:12:10-7 [...imperceptível...]

JG

00:12:12-7 Exactamente. Acho que houve claras melhorias na...em nós nos compreendermos e também todos percebermos um bocadinho, porque é assim, foi um bocadinho criada a equipa, não foi criada a equipa de novo, foi reformulá-la bastante, porque havia algumas coisas que estavam em conformidade, [...imperceptível...] as exigências dos nossos parceiros, porque a IP é financiada pela Segurança Social e educação e saúde. E então havia algumas...tivemos que alterar muita coisa.

PAULA CUNHA

00:12:40-9 A educação será mesmo no ministério da educação e a direcção regional de educação do Algarve?

JG

00:12:45-2 É sim, [...imperceptível...] direcção regional de educação do Algarve, a administração regional de saúde, e o centro distrital da segurança social, portanto. Ou sejam tivemos que alterar muitas coisas, e até criarmos, sei lá, fazermos uma dinâmica nas reuniões, até termos confiança para, pronto é natural, é essa... [...imperceptível...] e isso também acho que foi uma grande alteração, e sinto que isso tem reflexo directos nos acompanhamentos que nós damos às crianças. Às crianças e às famílias.

PAULA CUNHA

00:13:10-2 E a nível dos programas? Mudou muito? Por exemplo, na intervenção precoce, vocês têm um plano anual de actividades, têm programas específicos que seguem, mesmo a nível terapêutico, houve alterações?

JG

00:13:25-6 Por programas é assim, nós fazemos, nós temos um plano de actividade, temos um plano anual da instituição, onde está incluído o plano da intervenção precoce, e depois temos planos de intervenção com diversas crianças. Por acaso a lei da IP mudou, em Outubro, e nós tivemos que mudar algumas coisas em termos de nomes, mas em termos operacionais, nós mantemos o mesmo recurso...pronto, em termos de com as crianças e com as famílias, é o diagnóstico, não é? Que está sempre a ser actualizado, pronto, há um diagnóstico mais ou menos estável, não é? Depois vai sendo actualizado. Com base nesse diagnóstico, cada uma das áreas de intervenção define os seus objectivos, as suas estratégias. Sempre que essas que são acordadas com a família, não é? Vamos dizer, olhe, nós achamos que esta área precisa de ser trabalhada, por isso vamos fazer isto, isto e isto. Em sessão, ou no jardim-de-infância, ou se for no meu caso, eu vou...vamos..eu...vamos tentar arranjar um conjunto de apoios, para que tenha maior estabilidade a nível habitacional, ou a nível laboral, pronto.

PAULA CUNHA

00:14:25-5 E toda a equipa intervém? Independentemente da área...

JG

00:14:28-4 Não, nem sempre. Nem sempre, não é? Porque se nós tivermos, imaginemos, se só tivermos um caso de uma criança, que sei lá, tem um atraso de desenvolvimento na linguagem, é pouco provável que a fisioterapeuta também inclua, não é? Mas pode também intervir, pronto, depende, não é, se a criança tem necessidade disso. Mas quando fazemos a discussão dos casos e as nossas reuniões de equipa é muito importante, fazemo-lo todos. Ou seja, eu posso estar a discutir só com a minha terapeuta da fala, o que é que vamos fazer, acompanhamos juntas um caso, e o que é que vamos fazer em relação aquele caso, mas os outros colegas também dão a sua opinião, e também, pronto as reuniões de equipa são mesmo importantes. Ainda que nós também conversamos muito informalmente, não é? O nosso espaço, como vês o nosso espaço é muito pequenino, não é? Temos duas salas, a maior parte dos tempos nós estamos a trabalhar nesta sala grande, estamos sempre juntas,

não é? Às vezes eu lembro-me de qualquer coisa, é pá olha, lembraste de...a mãe disse-me isto ou o miúdo não sei quê.

PAULA CUNHA

00:15:26-2 A maior parte da intervenção que vocês fazem, acontece nas próprias escolas ou nas casas dos próprios utentes, não é? O que é que acontece neste espaço?

JG

00:15:35-6 É assim, este espaço está mais adaptado para a terapia ocupacional, temos montado um sistema de integração sensorial, tem uma metodologia de terapia ocupacional. E da fisioterapia. Aqui também temos muitos jogos para a terapia da fala, só que muita intervenção nós fazemos em contexto, estamos a trabalhar com crianças muito pequeninas, não é? Não convém estar a tirá-las do contexto, até porque é importante perceber como é que elas se enquadram dentro do contexto, como é que funcionam, como é que não funcionam, o que é que...não é? Pronto. Privilegiadamente, ou melhor, normalmente é sempre creche ou jardim-de-infância. Temos alguns casos em que vamos a domicílio, mas não são muitos, porque os pais também ou vêm cá, ou pronto, não são muitos.

PAULA CUNHA

00:16:23-6 Por curiosidade, qual foi a criança com menor idade que começaram a acompanhar?

JG

00:16:28-1 Olha, tivemos um agora há pouco tempo, que a família era brasileira, e eles voltaram para o Brasil. Ele tinha, 3 ou 4 mesinhos, era mesmo pequenino, mas infelizmente os miúdos normalmente chegam-nos muito tarde. A nossa média de idades, por acaso estava agora aqui, estou agora aqui a fazer o relatório de actividades do ano que vem, 2010, ou melhor, do ano que passou. E por exemplo, a média de idades que nós temos hoje, em Dezembro, é de...temos a maior parte das crianças com 5 anos. A maior parte das crianças tem 4, 5 e 6 anos. Temos 3 crianças com 2 anos, 3 crianças com 5 anos. Ou melhor, 5

crianças com 3 anos. A maior parte delas são de 4, 5 e 6 anos, mas isto não é um problema só nosso.

PAULA CUNHA

00:17:14-5 Tendo em conta que a intervenção precoce termina aos 6 anos...

JG

00:17:17-4 Exactamente. E nós terminamos mesmo, tipo, nós puxamos um bocadinho [...imperceptível...] e é importante ser gratuito, mas nós puxamos mesmo até ao fim, até a criança completar os 6, ou seja, quando faz os 7 é que deixa de estar connosco. Pronto. Isto quando é necessário, não é? Também damos alta, pronto...quando já não precisa ou quando já não se justifica uma intervenção directa, podemos pôr os casos em supervisão ou vigilância, ou seja, só de tempos a tempos é que estamos com a família. Mas esta questão dos casos, isto não é só nossa, no Algarve inteiro acontece isto. E isto é um problema pelo qual...pronto...há algumas razões, ainda que as coisas não estejam assim muito bem estudadas, mas por exemplo, há muitas crianças que apresentam graves problemas de nível de desenvolvimento, são desde logo identificadas no hospital, e fazem a intervenção no hospital. Nós temos algumas crianças e nós temos uma boa relação com a equipa de desenvolvimento ali de Faro. Mas, há muitas crianças que elas mantêm lá o acompanhamento durante algum tempo, só depois quando elas já estão melhores, ou quando já não têm problemas tão graves é que vêm para cá. Sendo que, muitas vezes as terapias que eles estão a ter lá, nomeadamente, a terapia ocupacional, fisioterapia, terapia da fala, que é o que nós também temos aqui, também podiam ter aqui. Com benefícios para os pais, que não tinham que andar 40 quilómetros para ir até Faro, não é? 40 ou 80, não é? Ida e volta. Com reflexos que isso tem no...depois do trabalho deles e tudo mais, não é? Pronto. Portanto, isso é um trabalho que é preciso fazer com os hospitais.

PAULA CUNHA

00:18:48-2 Porque a maior parte das crianças, são sinalizadas no hospital?

JG

00:18:51-6 Pois, há muitas. Muitas, muitas.

PAULA CUNHA

00:18:53-0 Há algumas na creche, não é?

JG

00:18:55-2 Na maior parte, algumas. As que têm casos mais graves não naquele hospital. Se há uma criança com trissomia, há uma criança que tem, sei lá...um problema neurológico, ou um problema...percebe? Agora se for, por exemplo, uma criança com observação de [...imperceptível...] autista, aí já é diferente. É só a partir de 2, 3 anos é que se começa a ver os comportamentos, e normalmente, sim, é escolas, jardins de infância, creches, ou os próprios pais que vêm dizer...ou que através do médico de família, dizem, o nosso filho tem qualquer coisa, e depois daí segue-se...

PAULA CUNHA

00:19:26-1 E do centro de saúde de albufeira, vocês conseguem ter uma ligação, ou eles...

JG

00:19:31-3 Eles também têm uma equipa de IP como nós.

PAULA CUNHA

00:19:33-9 No centro de saúde de albufeira?

JG

00:19:35-0 Exactamente. Exactamente, eles têm uma equipa como nós. Mais localizada, outras vezes não fazem tantas saídas como nós, nós é que temos mais agilidade nesse sentido aqui. Mas eles têm também uma equipa de IP nós por acaso não nos articulamos tanto como poderíamos, mas agora com a nova lei, vamos ser obrigados a isso, e isso é bom, não é? Às vezes não é porque não queiramos, é só porque, cada um está um bocado na sua vida e com reuniões de trabalho, e não sei quê, não sei quê. E não...não fizemos

reuniões, mas articulamos por telefone, às vezes, por exemplo, os casos que eles, ou não possam acompanhar lá, ou de alguma forma seja conveniente acompanhar cá ou vice-versa. É que temos de entrar em articulação. Ainda há pouco tempo, recebemos [...imperceptível...] de um miúdo que, como é filho de uma das funcionárias, elas não podem acompanhar, então vamos nós acompanhar aqui. Pronto...portanto, tentamos sempre dar resposta.

PAULA CUNHA

00:20:25-3 Quando há bocado falamos nos apoios, nas entidades que vos prestam apoios, este apoio estamos a falar a nível económico, só. Ou não?

JG

00:20:33-6 Não. Não. Por exemplo, no que diz respeito à intervenção precoce, este é, é o melhor, era, porque a gente agora já assinamos o novo acordo, de acordo com a nova lei. Mas até agora, era um acordo, quadripartido, entre a associação, a segurança social, que nos dava dinheiro, um valor por criança, dava-nos 125€ por mês por criança. Não é bem 125€, acho que é um bocadinho menos. A administração de saúde do Algarve, também inicialmente, era, estava previsto que nos cedesse técnicos, mas depois, optaram por nos pagar, para nós contratarmos técnicos, numa determinada percentagem, pouca. E a direcção regional de educação, cede-nos educadores do IP. Ou seja, nós temos 4, o acordo só previa 3, mas pronto, nós temos 4 educadoras de intervenção precoce, que também trabalham connosco.

PAULA CUNHA

00:21:31-3 E essas educadoras estão onde?

JG

00:21:33-7 Estão nas escolas. Elas...

PAULA CUNHA

00:21:35-6 Não têm um sítio...certo?

JG

00:21:38-0 Não. Elas estão [...imperceptível...] a um agrupamento, que é o agrupamento por referência á intervenção precoce. Que eu acho que é [...imperceptível...] acho que sim. Mas depois também acompanham as nossas crianças. Vão, fazem domicílios, fazem as, também vão às creches, os objectivos é desenvolverem as competências das crianças que necessitam, não é? A nível cognitivo, ou a nível, sei lá, aquilo que a criança precisar. São complementos, não é?

PAULA CUNHA

00:22:04-5 Para ti, quais são as maiores vantagens e as desvantagens desta dependência?

JG

00:22:12-2 É assim, [...imperceptível...] é assim, vantagens, para além de, para já existe a vantagem essencial, porque sem apoio, não trabalhava, essa é logo a primeira. Por outro lado, acho que é importante, isto sendo, um direito das famílias e das crianças, porque hoje está contemplado como sendo um direito. Só para aí há dois anos é que foi, porque a intervenção precoce nasceu, já existia em Portugal há algum tempo, mas só foi regulamentada em 1999. Sendo um direito, acho que as entidades públicas devem estar envolvidas nisso, naturalmente, não é? Porque é um direito, a gente paga impostos, não é? Acho que têm que ser as entidades públicas a financiar. Em termos de desvantagem, é assim, pois estamos sempre muito dependentes do dinheiro disponível, nós neste momento, pronto, o orçamento de estado é reduzido, há cortes por todo o lado, não é? Isso, toda a gente sabe, não é? E isso vê-se muito, mas hoje, pronto, temos reflexos nisso. Ou seja, nós temos necessidades de mais, de termos por exemplo mais técnicos, técnicos com maior percentagem de [...imperceptível...] Mas só nos é pago uma determinada percentagem. Então o que é que a gente tem que fazer? Nós a Associação, não é? Temos a liberdade para dizer, ok, vocês só no pagam 50, mas nós achamos que o [...imperceptível...] deve dar 100. Então os outros 50, nós vamos buscá-lo a outro sítio. Aqui na APEXA, o que nós temos feito é, vamos buscá-lo ao subsídio da Câmara. A Câmara dá-nos um subsídio, anual, e nós aceitamos. Pelo menos é isso que está previsto em orçamento.

PAULA CUNHA

00:23:58-9 Pois. O que é capaz de levar agora umas mudançazitas, não é? Então, há bocado falavas no número de utentes a frequentar agora em Dezembro, eu vou-te pedir que me digas exactamente número e idade. Basta por aquele gráfico que tinhas [...imperceptível...]

JG

00:24:13-4 Olha, neste momento estamos a acompanhar 26 crianças, e...queres assim? Quantas?

PAULA CUNHA

00:24:23-1 Por exemplo...sim. De 2 anos.

JG

00:24:25-5 Temos 3 crianças de 2 anos, temos 5 crianças de 3 anos. Temos 6 crianças de 4, 7 crianças de 5 anos, e 6 crianças de 6 anos.

PAULA CUNHA

00:24:41-2 Qual é o relacionamento que têm com os familiares?

JG

00:24:46-4 O relacionamento é o mais próximo que nós conseguimos. Nós...a intervenção...a filosofia da intervenção precoce, é uma intervenção centrada na família. A gente sabe que estamos a trabalhar com crianças muito pequeninas, não é? A família, por um lado, portanto, há as questões relacionadas com aquilo que é a gestão da própria incapacidade ou deficiência da criança, não é? Porque vai pela família. Precisa de suporte, algumas famílias precisam mais do que outras, não é? Depende da forma como gerem a situação. Isso de um lado, depois por outro lado, não é? Aquilo que diz respeito à reabilitação da própria criança, não é? Aquilo que nós vemos aqui muito, é serviço de reabilitação para promover a funcionalidade, para promover a autonomia da criança, não é?

Para possibilitar que ela tenha, um desenvolvimento tão normal quanto possível, não é? Tão, de acordo com as suas capacidades. E por exemplo, se aquilo que é feito em terapia, depois não tem continuidade em casa e na escola, é muito pouco, não é? A nossa intervenção fica muito, muito pequenina, não é? Uma hora por semana, porque, nós, muitas crianças precisavam de mais, às vezes, 2, 3 horas por semana, mas nós não conseguimos dar. Portanto, é assim, os pais têm mesmo que ser, têm...e os pais é que são os responsáveis das crianças, os pais é que têm que...nós temos que fazer, temos que nos colocar no nosso lugar, não é? Nós somos a equipa de apoio, mas a família é que é a pessoa responsável, não é? E se a família diz, e já tem acontecido, nós, por exemplo, temos...apesar de nós sermos gratuitos, é assim, as famílias também têm que cumprir regras, não é? Não podem faltar muitas vezes, quer dizer, nós somos um bocadinho...nós somos muito maleáveis nisso. Mas há casos, em que nós já temos dito, olhe, se a família não acha que há necessidade do apoio, nós forçamos o apoio, apesar da criança, precisar, e apesar de nós estarmos disponíveis. Mas se a família não vem...ou seja, a família não apresenta...não mostra...não sente necessidade, então nós também não vamos suprimir-nos não é? É assim, se estivemos a falar num caso de risco social, se estivermos a falar de uma criança, [...imperceptível...] de negligência, ou alguma coisa...portanto, isso é outra coisa. Não é? Agora...

PAULA CUNHA

00:26:55-7 Mas também aí remetem para outras...

JG

00:26:57-5 Exactamente, para outras [...imperceptível...] claro. Nós articulamos com eles, temos alguns casos também que nos foram encaminhados por eles, às vezes. Mais casos de risco social, em que depois as crianças têm um atraso de desenvolvimento, ou atraso de linguagem, por...

PAULA CUNHA

00:27:12-3 E a esses casos, vocês dão preferência quando vêm sinalizados pela comissão [...imperceptível...]

JG

00:27:18-9 Todos os nossos casos têm preferência. Nós...a hierarquia que fazemos não é pela origem do...é pela idade. E pela problemática da criança.

PAULA CUNHA

00:27:28-8 E como é que os pais encaram, a intervenção da APEXA?

JG

00:27:33-7 Olha em geral, por acaso até temos também ali umas, uns questionários de satisfação. É assim, em geral os pais, mostram-se satisfeitos, não é? Porque é assim, temos, é uma resposta gratuita, nós tentamos ao máximo, o facto de nós irmos à creche, ao jardim-de-infância, isso [...imperceptível...] imenso os pais, não é? Porque é assim, alguns pais nós queremos que eles venham cá, até porque, normalmente fazemos sempre por ter contactos mais próximos que podemos com os pais, não é? Às vezes eles virem ter terapia aqui é uma estratégia para isso. Mas por exemplo, um pai que tenha que vir aqui, sei lá, a meio da manhã, ou...não é? Quando há o horário da terapia, é chato, não é, para o pai, mas, pronto, ou seja, os pais, e o facto de nós irmos à creche, eles gostam bastante, porque não quebra o ritmo laboral, e aquilo que eles são, não é? Às vezes [...imperceptível...] laborais deles. Depois, é assim, eu acho que a nossa equipa é, nós estamos sempre disponíveis, por telefone, por...fazemos o máximo e acho que, nisso falo por toda a equipa, fazemos sempre o máximo, por resolver os problemas da família. Dentro daquilo que são as nossas possibilidades e aquilo que também nos achamos, que é o sensato, não é? Acho que também nos podem solicitar coisas que nós achamos que não devemos proporcionar, não é? mas pronto, isso já são casos específicos de cada família, não é? Pronto. Mas eu acho que em geral, as famílias gostam de nós. Acho que sim.

PAULA CUNHA

00:29:03-0 Como é que consideras que a instituição contribui para a melhoria de vida dos utentes, e das famílias?

JG

00:29:11-9 Então olha, eu acho que nós, acho que contribui bastante, acho que, enfim, depende muito de que área estamos a falar, não é? Se estivermos a falar da intervenção precoce, é assim, em termos de reabilitação, em termos de acesso a direitos, em termos de um conjunto de coisas, nós facilitamos que as famílias tenham acesso. De certa forma, proporcionamos, tentamos proporcionar as condições para que elas vivam melhor, depois prestamos serviço de reabilitação às crianças, e às famílias também. Portanto, temos por exemplo, prestado, dado psicologia às vezes, quando as senhoras precisam, o pai ou a mãe, precisam de alguma sessão de psicologia, ou algum acompanhamento a esse nível, também damos. Depois aos mais velhinhos, isto mais novinhos. Aos mais velhinhos, é assim, nós somos aqui um espaço que se por um lado permite, é um espaço ocupacional, não é? Que permite ocupar os tempos livres, permite ocupar esses tempos livres, através do trabalho...trabalhando [...imperceptível...] e agora nós estamos a fazer ainda mais disso...terminámos uma [...imperceptível...] que era o desporto...o espaço lúdico. Imagina o ATL, pronto, mas que apesar também se fazia jogos e pinturas, e coisas com as crianças, não era tão dinâmico ou como poderia eventualmente ser, pronto, no meu ponto de vista. E então, agora fazemos mais ou menos, mas através do desporto. Ou seja, e é uma coisa dinâmica, faz os miúdos terem vários tipos de competências, porque o desporto tem uma infinidade de coisas positivas, não é? Desde, o desporto em si, até à questão de...da parte física, portanto, eles têm problemas de obesidade, têm peso a mais, pronto.

PAULA CUNHA

00:31:00-1 Mesmo a parte social.

JG

00:31:01-0 A parte social, de interacção com pares, de interacção com os outros, de auto-estima, de pronto. Ou seja, o desporto é muito bom. Portanto, acho que, por exemplo, nesse caso é bastante importante, acho que a associação faz um bom trabalho. Pronto, e também é um...é assim, a gente costuma fazer, o ano passado começamos em Janeiro, uma actividade que é, conversas e pais. Em que fazemos reuniões mensais, aqui à noite, são vários temas. E os pais vêm, é só com pais. Os filhos não podem vir. Quer dizer, um ou outro às vezes vem,

porque o pai não tem onde deixar, mas pronto, é só para pais. E eu aí, pronto, já tinha essa ideia, mas pronto, fiquei ainda mais com a ideia de que os pais precisam também de um espaço, para conversarem entre iguais, não é? É assim, nós não acompanhamos só pessoas com...pais, ou melhor, crianças com deficiência, mas também acompanhamos crianças que tenham capacidades, às vezes coisas mais simples. Agora, há outros casos que são casos bastante complicados, não é? E que surgem, e que metem desafios aos pais que ninguém imagina, não é? Até a gente sabe o que é que é uma criança com trissomia, mas a gente não sabe tudo aquilo que envolve viver para sempre com uma criança com trissomia. E ser o nosso filho, e ser, pronto, há um conjunto...

PAULA CUNHA

00:32:18-2 É necessário que partilhem com alguém que vivencia as mesmas coisas, não é?

JG

00:32:21-4 Exactamente, exactamente. Ainda à tempos, uma mãe, estávamos nessas conversas com pais, e uma mãe dizia, porque é que eu vou estar a dizer o que é que a minha filha faz, o que é que a minha filha não faz! Os meus amigos, ou dizem que sim, que sim, e depois mudam de conversa, ou acham, coitadinha e eu também não sou coitadinha. Pronto, percebes, é assim, ela, pronto, sentem que, eu acho que isso é importante, ainda que sei lá, ainda que, pronto, isso também vem muito da nossa parte técnica de identificar, se isso é importante, e logo criar esse espaço. Não sei se os pais, pensam nisso, no sentido, vou para ali para a APEXA para discutir com os pais que são iguais a mim. Percebes? Não sei, se [...imperceptível...]

PAULA CUNHA

00:33:02-4 [...imperceptível...] ou se calhar por pensarem posteriormente, vão...

JG

00:33:06-1 Pois... [...imperceptível...] não sei se dedicam muito tempo a fazer isso, não é? A pensar sobre isso, mas eu acho que sim, acho que isto é importante...é importante, acho que sem dúvida. Para além de, pronto, isto para os pais, não é? Depois enquanto resposta

para a comunidade, não é? Porque nós somos a única instituição aqui. Portanto, a santa casa também trabalha na área da deficiência, mas tem um lar residencial. Para os mais velhos. Agora, instituição de apoio aqui à escola, tudo aquilo que tem a ver com a educação especial, nós somos a única. Portanto, também, é uma coisa importante.

PAULA CUNHA

00:33:45-7 Sugestões para melhorar o funcionamento da APEXA?

JG

00:33:51-0 Sugestões...então. a minha...a minha sugestão, prende-se básica e essencialmente por aquilo que tem a ver com práticas de gestão. Uma gestão adequada ao tipo de resposta que nós aqui prestamos. Uma gestão transparente, eficiente e quando eu digo gestão, estou a falar da gestão dos recursos humanos, não é, como falávamos há bocadinho, de manter as pessoas. Ou não, pronto, haver uma política mais, não estarmos, não se a escolha não ser determinada pela... [...imperceptível...] de um estágio e início de outro, mas por aquilo que a pessoa é da intervenção que faz com as crianças ou com as famílias, portanto, faz mais sentido porque é o que acontece em sítios mais...não é? As pessoas estão lá porque fazem um bom trabalho, não é? Porque, está claro o objectivo para que, porque estão lá. No que diz respeito, do que tem a ver com, sei lá, gestão dos recursos em geral, percebes? E portanto, eu acho que, a APEXA melhoraria muito, muito se tivesse outras práticas de gestão, mais profissionalizadas, mais...acho que sim.

PAULA CUNHA

00:35:17-7 Expectativas para o futuro?

JG

00:35:21-4 Olhe, expectativas para o futuro, eu agora tenho uma situação um bocadinho complicada, em termos de expectativas para o futuro, mas no que depender de mim, é assim, eu acredito que a associação, esta associação tem muito espaço, tem muita manobra, também nós temos muita autonomia. E isso é uma coisa que eu gosto bastante nas associações, por exemplo se estiver a trabalhar num sítio mais, numa câmara, já não dá. E

pronto, a câmara não tem tanta agilidade em termos de, todas as leis que a enquadram. Mas acho que nós...aqui a associação tem muita possibilidade de responder de uma forma adequada, a problemas que mais ninguém responde. A trabalhar dentro dos espaços vazios que naturalmente as leis, e a escola, e...deixam. Porque é natural que deixem, porque é muito difícil, é assim, apesar de falar num estado social, e que o estado deve assegurar tudo às pessoas, não é? É assim, e é para aí que eu acho que devemos ir, ainda que agora a gente veja que quando não há recursos, que isso corta tudo e é uma chatice. Mas, eu acho que é por aí, a gente deve trabalhar dentro desse espaço que fica. Por exemplo, um exemplo que eu acho que é super interessante que nós estamos aqui a desenvolver, e que é esse espaço. Que é no projecto sócio-profissional. Ou seja, nós trabalhamos com jovens que saíram da escola. O que é que uma criança, um jovem sai com 16 anos, 18 anos sai da escola, ou consegue arranjar trabalho, que é complicado, pronto, para crianças com deficiência ou jovens com deficiência, alguma incapacidade. Ou vai para reabilitação profissional, que são programas financiados pelo IRC, em instituições, onde aí elas aprendem uma profissão. Ou, e depois prevê-se que elas integrem no mercado de trabalho, mas isso é super difícil. Ou fazem essa formação e não acabou, ou nem fazem essa formação. Também há muitos que não fazem. Ou seja, e nós com esta resposta o que é que tentamos? Tentamos trabalhar na articulação directa com empresas, e os nossos jovens. Nós trabalhamos competências com eles e depois integramo-los em estágios nas empresas. Temos estágios no pingo doce, aqui no Shopping, já tivemos no Price Check. Ou seja, já tivemos uma [...imperceptível...] na Algardata, que é ao pé de Loulé. Ou seja, tentamos que...é um espaço um bocado vazio, ainda que as entidades que são financiadas para fazer reabilitação profissional, também está com estágios. Mas, percebes, é uma coisa mais próxima, nós temos alguma agilidade, estás a ver, tipo, e nisso eu acho que isto é uma área que a gente...

PAULA CUNHA

00:38:09-9 E acaba por não se só o facto de, é a preparação que têm antes de ir para o mercado de trabalho.

JG

00:38:15-7 Também isso, claro.

PAULA CUNHA

00:38:18-5 Isso sem dúvida é fundamental.

JG

00:38:19-8 Portanto, eu acho que esta associação tem muito, e por ser jovem, é mais maleável, também, não é? O que é bom. Há instituições que já têm tipo 20, 30 anos, já são tipo, seguranças sociais, que aquilo, tas a ver para tirares uma fotocópia, tens que tas a ver, portanto. Acho que nisso é bom, é bom. Agora isto tem é que ser bem aproveitado, bem optimizado.

PAULA CUNHA

00:38:43-3 Muito obrigada.